

## **PROFESSORA MASÉ HOLANDA: UMA VIDA ENTRECruzADA A HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO**

### **MARIA ELCELANE DE OLIVEIRA LINHARES**

Discente do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE), pertencente à Linha de Memória, oralidade e cultura escrita. Bolsista FUNCAP – Fundação Cearense de Apoio ao Desenvolvimento Científico e Tecnológico. EMAIL: linhareselcelane@yahoo.com.br

### **LUCAS PEREIRA DE OLIVEIRA**

Discente do Mestrado Acadêmico em História e Culturas da Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE), pertencente à Linha de Práticas Urbanas. Também discente na modalidade sanduíche do programa de pós-graduação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Bolsista CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. EMAIL: lukaspereira2@hotmail.com

### **ROK SÔNIA NAIÁRIA DE OLIVEIRA**

Mestre em História e Culturas pela Universidade Estadual do Ceará (MAHIS-UECE). EMAIL: roksonia@hotmail.com

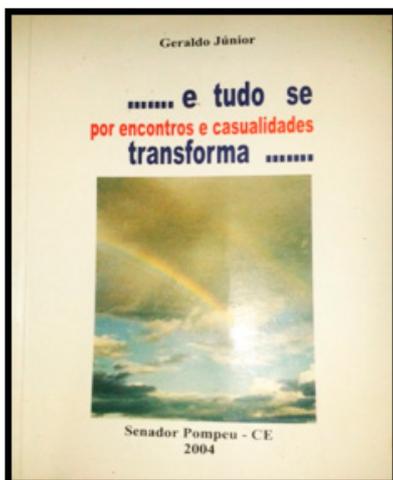
## **Considerações iniciais**

Primeiramente, é importante esclarecer que neste trabalho não tentamos recompor a vida da educadora Masé Holanda, a partir de quem debruçamos toda a escrita. Isso porque não escrevemos aqui uma biografia, mas utilizamos a biografia escrita dessa intelectual como fonte para destacarmos pontos de entrecruzamento de sua trajetória de vida com a história da educação. A biografia a que nos referimos foi escrita por seu filho Geraldo Júnior. Portanto, traçaremos aqui um breve apanhado sobre a obra, depois sobre a trajetória de Mazé Holanda, os contextos onde ela se insere, para que depois possamos traçar as linhas que ligam essa vida em particular as redes educacionais no Brasil.

## **Sobre a obra**

A obra biográfica, de cunho memorialista que utilizamos como fonte é intitulada: *...E tudo se por encontros e casualidades transforma...* Tem 106 páginas e apresenta a biografia de uma edu-

cadora que ficou iconicamente conhecida na cidade de Senador Pompeu/CE como Dona Masé Holanda, honrada como uma figura importante desse espaço. A obra foi escrita por seu filho Geraldo Júnior, logo depois da sua morte.



**Figura 1 – Fotografia da obra.**

**Fonte:** Acervo pessoal dos pesquisadores.

Essa biografia está configurada assim em nove partes: a primeira trata da apresentação da obra; na segunda, intitulada *Paciência*, o autor fala sobre o sítio em que Masé Holanda nasceu; na terceira, intitulada *Ribeiros e Holanda*, o autor refaz a árvore genealógica da professora; na quarta, intitulada *O encontro*, o autor relata sobre os caminhos que levaram ao encontro com seu futuro marido; na quinta parte, denominada *Nascer*, discorre de forma eloquente sobre o nascimento e sobre a presença da mãe no tempo e no espaço, onde cruza marcos da vida dela com acontecimentos históricos; na sexta parte, intitulada *Crescer*, explana sobre os primeiros contatos com a educação e o despertar para a vocação de professora; na sétima parte, denominada *Reproduzir*, trata espe-

cificamente dos laços construídos e das realizações educacionais promovidas por Masé Holanda; na oitava parte, que intitula *Morrer*, o autor fala sobre os últimos dias dessa mulher e sobre o sentido da morte, onde se apoia em conceitos filosóficos e bíblicos; e na nona e última parte, intitulada de *Consciências*, Geraldo Júnior conclui com algumas hipóteses filosóficas, tratando da vida como um processo e não como um acaso.

### Trajetos de Masé Holanda

Maria José Holanda, a quem o filho atribui o carinhoso nome de “flor de Holanda” (p. 27), e que ficou conhecida na cidade de Senador Pompeu/CE como Dona Masé Holanda, nasceu em 28 de julho de 1935, no sítio de Paciência, localizado no município de Mombaça/CE. Segundo o autor Geraldo Júnior (2004), a primeira educação de Masé Holanda aconteceu em um contexto essencialmente rural, onde ela compartilhou com as irmãs as diversas atividades experimentadas pelas mulheres, desde a casa a roça.

Embora houvesse diversas dificuldades, como o distanciamento das grandes cidades, Masé Holanda desde muito cedo despertou estímulo para com os estudos.

Sua única companheira, a lamparina, e foi assim que se diferenciou, em estudo, dos demais irmãos, criando o hábito pelo estudo, o prazer da descoberta. Ampliando sua visão de mundo e partindo para suas conquistas (JÚNIOR, 2004, p. 39).

É certo que o autor faz uma idealização do passado, de modo a legitimar uma imagem no presente, porém, não há dúvidas de que entre os anos de 1930 e 1940, despertar o estímulo para a educação era raro, na medida em que as vontades eram muitas vezes sucumbidas pelas dificuldades. Mas, diferentemente de outras crianças Masé Holanda teve a oportunidade de estudar em casa, já que o seu pai contratou uma alfabetizadora para seus filhos. Até a quarta sé-

rie do ensino fundamental, Masé estudou então em sua residência. Em 1958, ela se matricula na Escola Divino Salvador, na sede do município de Mombaça. E no ano seguinte, se muda com a família para a cidade de Senador Pompeu, definindo “[...] logo suas metas: conseguir o primeiro emprego e concluir, o quanto antes, seu ensino médio” (JÚNIOR, 2004, p. 50). Conseguiu então um emprego como vendedora em loja de confecções e fez sua matrícula no antigo Ginásio Cristo Redentor, que inclusive era um dos colégios mais reconhecidos por sua qualidade no sertão central cearense durante a década de 1960. Esse colégio tinha um caráter religioso e cívico, e seu acesso era restringido, via de regra, a elite, já que as despesas eram altas. Por isso “Masé Holanda trabalhou incansavelmente, de 59 a 61, [...] buscando [também] receber as prestações da venda de sua herança” (JÚNIOR, 2004, p. 57).

Após se formar no magistério, na escola anteriormente citada, em 1961, Masé Holanda passa então a atuar como professora na mesma escola onde havia feito o seu ensino fundamental. Em sua atuação, ela propagava sua paixão pela ciência, utilizando como método de ensino, aulas de campo, dissecação de anfíbios, assim como vários experimentos. Além disso, investia demasiadamente “[...] em livros, revistas, dicionários e enciclopédias” (JÚNIOR, 2004, p. 69). Segundo o autor Masé Holanda assumira ainda uma postura rígida para com os alunos, mas ao mesmo tempo era preocupada com os problemas sociais.

Casou-se em 1966 com Geraldo Damas e teve cinco filhos, dentre eles duas filhas adotivas, embora também tenham ajudado e abrigado cerca de cinco pessoas em sua residência. Mesmo assumindo as funções para com a família, Masé Holanda ansiou um curso de formação superior. A partir daí ela “[...] realiza seu vestibular no curso de CADES promovido pela Universidade Federal do Ceará, sendo aprovada para o curso de Ciências Físicas e Biológicas” (JÚNIOR, 2004, p. 78). Superando a distância, em virtude de ter que se deslocar a cidade de Fortaleza, ela se forma em 1977.



**Figura 2 – Foto da formatura de Masé Holanda.**

**Fonte:** Acervo de imagens da biografia.

A sua carreira docente não se restringia apenas à sala de aula e a sua matéria de formação. Ela participava de vários projetos e cursos de diversas áreas do conhecimento, sempre buscando uma forma de contribuir para a educação do sertão central. A autora Adelita Holanda (2010), professora e filha de Masé Holanda, em sua monografia de especialização discute o papel de liderança exercido por sua mãe. Segundo a mesma, Masé Holanda participou de inúmeros cursos e projetos, no qual se destacou o curso liderança (1968), relações humanas (1972), direito da família (1972), Psicologia da aprendizagem (1973), saúde popular (1985), Educação para a Sexualidade (1989), metas e ações governamentais (1997) entre tantos outros.

Em sua experiência como educadora, além de ter lecionado Ciências na Escola Normal Divido Salvador em Mombaça, Masé Holanda também deu aulas de Matemática na antiga Escola de 1º grau de Senador Pompeu. Na mesma cidade lecionou Ciências na Escola Técnica de Comércio Clóvis Salgado, Biologia na Escola de 2º grau Coronel Aduino Bezerra, Ciências e Biologia no Educandário José Maurício Colares, Física e Química em Mineirolândia, distrito de Pedra Branca/CE. Além da experiência docente Masé Holanda atuou como diretora na Escola de 2º grau Coronel Aduino Bezerra, atual liceu de Senador Pompeu, e, até os seus últimos dias de vida era administradora da CNEC,<sup>1</sup> tendo assumido a direção da escola entre os anos de 1990 a 2001.

Segundo o biógrafo, após tantos inúmeros trabalhos Masé Holanda veio a se fragilizar em relação a sua saúde física. Ele ressalta que ela “[...] era muito realista, chegava a racionalizar muitas vezes suas próprias emoções, uma forma que lhe fortalecia em caráter mais que fragilizava seu corpo” (JÚNIOR, 2004, p. 89). Masé falece em 07 de maio de 2001. Pouco antes de sua morte, ela atribuiu as responsabilidades da administração da CNEC a duas funcionárias de confiança. A partir de sua morte, a escola passa a ser dirigida por outra mulher, a mesma que ela confiou seus ensinamentos. Cinco anos depois, em sua homenagem, a CNEC transforma-se em CEMAH (Centro Educacional Masé Holanda), tentando manter os ensinamentos e projetos da educadora, e teve no quadro docente da instituição, a filha de Masé Holanda, que inspirada em sua mãe, também se forma em ciências.

---

<sup>1</sup> Rede educacional criada em 1943 por Felipe Thiago Gomes em João Pessoa. Tem como princípios a promoção da formação integral dos cidadãos. O Centro Educacional Aderaldo Mano-CNEC de Senador Pompeu, foi fundado no dia 27 de dezembro de 1969, de cunho filantrópico, funcionava do ensino infantil ao final do ensino fundamental e durante a gestão da educadora foi uma das escolas mais bem avaliadas na região do sertão central. Mantendo uma mensalidade pequena, se comparada a outras escolas da cidade, Masé Holanda muitas das vezes assumia as despesas de diversos alunos carentes.

## Uma vida entrecruzada a história da educação

Anteriormente vimos que os trajetos de Masé Holanda levaram-na a fazer da educação não somente a sua fonte de renda, mas a sua razão de existência. Assim como ela, outras mulheres, mesmo as que não estão registradas nas produções em torno da História da Educação dedicaram grande parte de suas vidas ao ensino,<sup>2</sup> compartilhando juntamente com esta tarefa a que foram delegadas por convenção, os cuidados para com a família.

Vale destacar que na época em que Mazé Holanda teve suas primeiras experiências como educadora, 1961, no contexto sertanejo o condicionamento feminino era ditado por uma “idealização da mulher”, onde o casamento e a maternidade eram vistos como o destino natural da mesma. O biógrafo define então Masé Holanda como “uma mulher sertaneja que soube posicionar-se à frente de seu tempo (JÚNIOR, 2004, p. 03)”. Entretanto, ela também constituiu sua família, conseguindo conciliar tanto as responsabilidades de educadora com as de esposa e mãe.

É certo, sobretudo, que em uma época e espaço onde a mulher era culturalmente relegada ao silêncio, e onde simbolicamente a figura masculina configurou um poder sob as mulheres (PRIORE, 2001), a educação foi um dos veículos possíveis para a reversão desse quadro, e para a atuação de algumas mulheres fora do campo privado, como a que aqui é citada. Entendemos que esse seja um dos pontos importantes do encontro entre a mulher e a educação.

Ademais, desde o período Colonial, a educação feminina estava restringida ao ambiente doméstico e para ele, sendo que as mulheres deveriam aprender de forma que aquilo refletisse na boa coordenação da casa e dos filhos. Nessa perspectiva as prendas domésticas predominavam sob a leitura e a escrita. Apenas a partir da

---

<sup>2</sup> A historiadora Fátima Araújo Leitão (2006) evidencia essa presença feminina na educação ao tratar em sua tese de doutoramento sobre a formação de professoras nas Escolas Normais Rurais do Ceará.

segunda década do século XIX, estabeleceu-se a abertura de escolas para mulheres. Vale citar a inauguração da primeira escola Normal do Brasil no Rio de Janeiro.<sup>3</sup> A escola Normal tinha como função básica formar professores primários (ARAGÃO; KREUTZ, 2012).

A formação necessária para as mulheres que entravam no magistério era baseada em uma educação de acordo com a moral cívica e os bons costumes, que deveriam ser transmitidas para as crianças. Segundo Ivanilde Monteiro e Hajnalka Gati (2012) a mulher deveria ser “mais educada do que instruída”, recebendo uma educação predominantemente moral, já que sua função na família era o de “pilar de sustentação do lar”, educadora dos próprios filhos (p. 13).

Pelo menos nos cantos mais remotos do Brasil essa formação procedeu até meados do século XX. A atuação da mulher no campo da educação assim como em qualquer outro que estivesse para além do seu condicionamento era bastante restrito, e por isso precisou se desenrolar sutilmente, de forma que a mulher assumiu suas responsabilidades para com o ensino, mas associando-as aos seus papéis sociais já predefinidos.

Podemos dizer que na época em que Masé Holanda inicia sua atuação no magistério, década de 1960, a relação da mulher com a educação ainda estava bastante associada àquilo que se esperava de uma mulher na sociedade. Segundo Milena Cristina Aragão e Lucio Kreutz (2012, p. 65-66):

O magistério seria então um espaço onde a mulher colocaria em prática dons que socialmente acreditava-se serem inatos e indispensáveis para o exercício docente: a paciência, o cuidado, a sensibilidade, o educar.

Nessa concepção, a experiência do magistério para as mulheres coexistiria como uma extensão da experiência materna. Mas não se pode negar o fato de que sorratamente, em uma associa-

---

<sup>3</sup> Surgiram pela Lei Provincial no ano de 1835, com o objetivo de aperfeiçoar e padronizar a formação para a prática docente.

ção de seus papéis em sociedade, as mulheres foram garantindo sua forte presença na educação brasileira, sendo que, do século XIX para meados do XX, cada vez mais cresciam o número de mulheres nas escolas normais. Aliás, estudiosos denominam esse fenômeno de “feminização do magistério” (LOURO, 2001). A trajetória de Masé Holanda é um exemplo claro disso. Ela já era professora quando se casou em 1966, e mesmo depois de casada buscou se aperfeiçoar em um curso superior, algo raro para o seu contexto.

Além dessa intensa e complexa presença feminina no magistério, existem outros fatores que ligam a vida de Masé Holanda a uma tecedura maior, a que denominamos “história da educação”. Acreditamos que a sua formação e os métodos com os quais lecionava, carregam influências dos princípios propagados no Ginásio Cristo Redentor de Senador Pompeu/CE, que compunha características semelhantes a todas as outras escolas normais até 1970: certa rigidez metodológica para com os costumes cívicos e religiosos. Fátima Leitão Araújo (2006, p. 83), ao lidar com fontes sobre a formação para o magistério nas Escolas Normais Rurais entre 1930 a 1960 constata nelas que,

*A Escola é retratada como o lócus irradiador de luz, instituição cujo objetivo extrapola as fronteiras do saber científico, pois em sua missão incluía-se a formação moral e o desenvolvimento de atitudes éticas, estéticas e de civilidade, na consecução de uma sociedade glorificada pelas práticas das virtudes cristãs.*

Sem dúvidas essa formação repercutiu tanto na prática docente de Masé Holanda, como na sua experiência como administradora de escolas em períodos posteriores a década de 1960. Geraldo Júnior (2004, p. 69) seu biógrafo, cita, por exemplo, livros que a educadora adquiria, dentre eles livros aqueles que destacam o papel da moral e da família: “[...] em sua estante, entre tantas, O novo Tesouro da Juventude, Tratado médico da Família, Dicionário da Sabedoria [...]”. Sobre sua metodologia educacional ele diz ainda:

“[...] todos a respeitavam, pois apresentava um aspecto firme, de segurança, moralista e direcionador [...]”. Os valores individuais que Masé Holanda trazia em seu caráter se mesclavam então aos reflexos da formação de sua época.

Nesse entrecruzamento da trajetória individual de uma professora a aspectos marcantes da educação brasileira, devemos reconhecer que as mulheres do interior, que se enveredaram por esse caminho, ousaram quebrar fronteiras referentes à clara definição de seus papéis em sociedade. Além disso, muitas delas, como Masé Holanda, almejavam ser “luz”<sup>4</sup> em um espaço pouco visível como é o sertão cearense. Vale destacar que, em sua atuação como diretora da CNEC, Masé Holanda possibilitou a matrícula de muitas crianças carentes da cidade de Senador Pompeu/CE. Terminamos assim essa análise, a que denominamos de *entrecruzamento*, com as palavras pertinentes de seu filho e também professor Geraldo Júnior (2004, p.89):

Não é fácil assumir verdadeiramente o papel de educador em um país como o nosso, e em uma região cheia de contrastes sociais como o sertão. Logo os professores somatizam seus sentimentos pelo excesso de trabalho, pela necessidade de sobrevivência, pela vontade de transformar as coisas.

### Considerações finais

Chegamos ao fim desde breve ensaio acreditando ter sido demonstrado as promissoras possibilidades da biografia, enquanto fonte para os estudos em torno da História da Educação. Como analisa Elizeu Souza (2007, p. 60):

[...] o movimento biográfico no Brasil tem sua vinculação com as pesquisas na área educacional, seja no âmbito da História da Educação, da Didática e Formação de Profes-

---

<sup>4</sup> Parfraseando a expressão utilizada pela historiadora Fátima Leitão (2006) no título de sua tese.

sores, bem como em outras áreas que tomam as narrativas como perspectiva de pesquisa e de formação.

Podemos vislumbrar através dos mais diversos vestígios, a trajetória de pessoas que estiveram presentes no campo educacional sem necessariamente já terem sido mencionados (FREITAS, 2006). Entendemos que fazê-los conhecidos é também de extrema importância, para que os pesquisadores da Educação alcancem os contextos mais particulares e subjacentes da história.

Como analisa Pierre Bourdieu (2006), ao tratar sobre a trajetória de vida, pode-se concluir que a vida de um indivíduo se imbrica com os grandes acontecimentos, na medida em que o ser humano existe somente dentro de uma rede de relações.

Em suma, o que está em jogo em todo esse debate é que, sendo a biografia um veículo de análise para a experiência cultural dos indivíduos (CARINO, 2000), ousamos dizer que a educação está cravada no seio dessa experiência cultural, e não é constituída, portanto, por estruturas, mas por cada sujeito em suas vivências e apropriações.

**Fonte:** JÚNIOR, Geraldo. **...E tudo se por encontros e casualidades transforma...** Senador Pompeu: GRÁFICA, 2004.

### **Referências bibliográficas**

ARAGÃO, Milena Cristina; KREUTZ, Lucio. “A mulher é naturalmente educadora”: Representações de professoras sobre a docência: entre discursos históricos e atuais. In: **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, vol. 25, nº. 01, 2012.

ARAÚJO, Fátima Maria Leitão. **Mulheres letradas e missionárias da luz: formação da professora nas Escolas Normais Rurais do Ceará**. Fortaleza: Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Educação (UFC), 2006.

ASSIS, Daisy Laraine Morais de; ASSIS, Harmensz Van Rin. **Considerações sobre estudos biográficos de intelectuais da educação brasileira**. Disponível em <[http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada10/\\_files/2YN1tjw4.pdf](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/_files/2YN1tjw4.pdf)> Acesso em 07 de junho de 2014.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: AMADO, Janaina; FERREIRA, Marieta de Moraes. **Usos e abusos da História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2006.

CARINO, Jonaedson. A biografia como fonte para a História da Educação: subsídios para um debate necessário. In: **Educação e Filosofia**, vol. 14, nº 27/28, 2000.

HOLANDA, Adelita Cristina. **Gestão Contemporânea: o papel do líder e a sua necessidade em buscar conhecimento**. Monografia de especialização. Escola Superior Aberta do Brasil -ESAB. Vila Velha-ES, 2010.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: PRIORE, Mary del (Org.). **História das mulheres no Brasil**. 5. ed. São Paulo: Contexto, 2001.

MARTINS, Antonio Maria; Rabelo, Amanda Oliveira. **A MULHER NO MAGISTÉRIO BRASILEIRO: UM HISTÓRICO SOBRE A FEMINIZAÇÃO DO MAGISTÉRIO**. Disponível em <<http://www2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>> Acesso em 24 de julho de 2014.

MONTEIRO, Ivanilde Alves; GATI, Hajnalka Halasz. A mulher na História da Educação brasileira: entraves e avanços de uma época. In: Seminário Nacional de Estudos e Pesquisas “História, Sociedade e Educação no Brasil”, 4, 2012, João Pessoa. João Pessoa, **Anais**, Universidade Federal da Paraíba, 2012.

SOUZA, Elizeu Clementino de. (Auto)biografia, histórias de vida e práticas de formação. In: Nascimento; Hetkowsk (org). **Memória e formação de professores**. Salvador: EDUFBA, 2007.